

AMERICANOS CLAMAM POR MAIOR CRESCIMENTO ECONÔMICO

01-11-97

[Embora as empresas registrem lucros cada vez maiores e milhões de investidores estejam muito satisfeitos]

[Quase não há inflação, mas o índice de desemprego está próximo de seu nível mais baixo em 25 anos]

Desde o início do ano passado vem se manifestando nos Estados Unidos um forte movimento de opinião pública que clama por mais crescimento econômico. No início eram apenas editoriais da *Business Week* e da *U.S. News & World Report* que pediam ao Banco Central (FED) que reduzisse as taxas de juros com esse objetivo. Depois foi surgindo uma verdadeira campanha articulada pela *National Association of Manufacturers*. E há pouco mais de um mês a imprensa fez menção a divergências no interior do próprio FED.

Motivos não faltam. A economia cresce há seis anos consecutivos e quase não há inflação, apesar de um índice de desemprego próximo a seu nível mais baixo em 25 anos. As empresas registram lucros cada vez maiores e milhões de investidores estão muito satisfeitos. Nesse clima, até pessoas prudentes por obrigação, como Alan Greenspan, presidente do FED, podem ser assaltadas por dúvidas. Será que a economia não estaria passando por um daqueles momentos de mutação que se ocorrem uma ou duas vezes em um século? Nesse caso, crenças comuns sobre as relações recíprocas entre crescimento, desemprego e inflação não passariam a ser menos confiáveis?

Foi nesse contexto que surgiu Larry Meyer como o principal opositor de Greenspan na diretoria do FED. Funcionários do banco o apontaram para jornalistas como o grande desafiante intelectual de Greenspan, ao continuar defendendo o ponto de vista tradicionalista. Esse tradicionalismo, que tem merecido insistente apoio de brilhantes economistas acadêmicos - como Alan S. Blinder (Princeton) e Paul R. Krugman (Stanford) - repousa em duas relações aritméticas muito mais simples que suas pomposas denominações.

A primeira, conhecida como “Lei de Okun”, estabelece que a taxa de desemprego cai meio ponto percentual para cada ponto percentual de crescimento positivo. A segunda, conhecida pela sigla “NAIRU” (taxa de desemprego não aceleradora da inflação), diz que, abaixo de um determinado patamar, a redução do desemprego necessariamente gerará inflação. Segundo Krugman, quando a taxa de desemprego cai a 5%, a economia poderá até crescer 3,5%, mas apenas por um ano.

Os pesquisadores que apoiam a campanha pró-crescimento não contestam a utilidade dessas duas constatações empíricas sobre o último quarto de século. Apenas

consideram que não são imutáveis. Fatos que alterem as tendências de produtividade e de oferta de trabalho também podem alterar os padrões das relações crescimento/desemprego e desemprego/inflação. Basta lembrar, aliás, que esses padrões eram diferentes na fase anterior do desenvolvimento capitalista, a chamada “Era de Ouro”. Por isso, o que separa hoje os cautelosos dos audazes é basicamente a maneira como interpretam os indicadores estatísticos de produtividade do trabalho e como os relacionam com o atual momento histórico da economia mundial.

Os cautelosos colecionam argumentos que possam nos convencer de que o impacto das novas tecnologias é muito menor do que se imagina. Em recente artigo na *Harvard Business Review*, Paul Krugman chega a insinuar que os glamourosos efeitos da informática têm sido inferiores ao impacto causado há trinta anos pela introdução do *container* no transporte marítimo. Em outros artigos ele procurou enfatizar que as mudanças atuais são muito inferiores às dos anos dourados. Em 1945 eram necessários de dois a três dias de viagem para cruzar os Estados Unidos e a esmagadora maioria dos americanos fazia suas compras em mercearias e quitandas. Em 1970 isso foi substituído por apenas cinco horas de vôo e algumas eficientes redes de supermercados. Krugman duvida que as mudanças introduzidas pelos microcomputadores possam ser comparáveis.

Os audazes acham que seus opositores ainda não entenderam duas coisas. Primeiro, que normalmente são necessárias duas ou três décadas para que cada nova tecnologia seja efetivamente decifrada e difundida. Segundo, que os dividendos de produtividade só se realizam plenamente quando todos os complementos da nova tecnologia também são absorvidos. Acham que se pode esperar mais 0,3 a 0,4 ponto percentual de crescimento anual na produtividade americana, que se somariam a outros 0,3 a 0,4 ponto percentual de aumento anual da força de trabalho. Ou seja, a economia poderia crescer a um ritmo anual de 3% em vez do índice “oficial” de 2.3%.

Como esses poucos sete décimos podem parecer pouco importantes, vale a pena explicitar que eles significariam um acréscimo de US\$ 3,1 trilhões no PIB americano, isto é, uma média de US\$ 300 bilhões por ano. Quem acha que o crescimento da economia americana está sendo sabotado, faz questão de lembrar que esse acréscimo poderia resolver a crise da previdência, dar um jeito no déficit federal, ajudar a sanear o meio ambiente, sem mencionar o que significaria em termos de empregos, salários e renda familiar. Não menos importante, esse impulso poderia levar a economia mundial a uma nova fase de expansão que inauguraria a quinta onda longa do capitalismo industrial.